

CACO DE VIDRO JÓIA RARA

Vilma Arêas*

RESUMO

O ensaio procura estabelecer relações entre recortes de jornais sobre assuntos variados colecionados por Clarice Lispector, pertencentes ao acervo da casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

*...um armazém, árvore, duas mulheres,
um soldado, gato! letras – tudo engolido
pela velocidade.*

Clarice Lispector

Em 1993 foi entregue à Casa de Rui Barbosa, para o arquivo de Clarice Lispector, uma pasta com retratos familiares e recortes de jornais supostamente colecionados pela escritora. Meu interesse se deteve nesses últimos. Cobrem vários anos, de 1944 aos anos 70, e a maioria absoluta diz respeito à obra, na chave da notícia breve, não passando às vezes de mera referência. Alguns recortes não trazem a fonte, outros vêm sem a data. Selecionei alguns deles, pois acho que iluminam aspectos da recepção aos textos da escritora, e dão uma certa temperatura da época e de comentário literário de jornal. Às vezes entretanto as matérias servem apenas de combustível à mera curiosidade.

Não deixa também de ter interesse observar Clarice mais uma vez de perto, trazida pela folha impressa.¹ Quando entrevistada a respeito de assuntos do momento (divórcio, celibato dos padres, etc.) revela bom senso; vez por outra também topamos com a franqueza desconcertante, que fazia parte de sua maneira de ser. Um bom exemplo será o episódio de Adelaide Carraro,² autora de *Eu e o Governador*, *best seller* de 1963, que levou sua autora a ser candidata ao Juca Pato. Consultada sobre o assunto e instada a opinar, Clarice responde: “Não li o livro. Não me interessa

* Universidade Estadual de Campinas.

¹ Em diversos trabalhos, muitas vezes apresentados em congressos, e recentemente em *Clarice uma vida que se conta*, Nádia Battella Gotlib tem estado atenta à produção jornalística de Lispector.

² No final dos anos 80 Adelaide Carraro chegou à marca dos três milhões de exemplares vendidos. “Ela é, sem dúvida, ao lado de Cassandra Rios e de Jorge Amado, uma das escritoras mais lidas do Brasil”. A informação é de Waldenyr Caldas in *A literatura da cultura de massa*. Acrescentaríamos hoje à lista o nome de Paulo Coelho.

ler nem sei do que se trata”. Pelo avesso, a resposta nos dá sua opinião sobre a pará-literatura e seus esquemas comerciais. Talvez revelem também uma ponta de ciú-me pela desenvoltura de venda de uma obra de segundo time.

Os recortes, portanto, numa espécie de navegação costeira, ao sabor da inspiração, ratificam ou aprofundam aspectos já conhecidos da vida e obra da escritora. Às vezes revelam mais de quem escreve do que do assunto de que tratam. Às vezes ainda eliminam dúvidas.

Começemos no dia 11 de março de 1944, quando Dirceu Quintanilha comenta **Perto do coração selvagem** em **Dom Casmurro**:

*(...) A citação de Joyce é uma confissão: esta escritora abraçou definitivamente a técnica do pensamento solto, dando vida às coisas inanimadas (...) Acredito também no exagero de nosso meio por tudo quanto é estranho. Jorge de Lima à custa deste fato espantou meia dúzia de iniciantes com suas habilidades. Há coisas admiráveis neste **Perto do coração selvagem**. Há cenas cheias de um estilo novo, de um sabor diferente. Mas será infelizmente de sucesso limitado. Não traz as linhas coloniais dos momentos do passado que resistiram à destruição dos tempos. Não traz as experiências universais...*

Como se enganou o nosso Quintanilha quanto ao futuro literário da estreante, não? E o que serão as tais “linhas coloniais dos momentos do passado”?

No dia 15 de abril do mesmo ano há uma nota de Luiza Barreto Leite na coluna “Mulheres em Cartaz” comentando um concurso literário instituído pela **Folha Carioca**. Por ela sabemos que **Perto do coração selvagem** conquistou o segundo lugar, acima de Jorge Amado, na opinião dos críticos e logo abaixo dele, na votação popular, o que não deixa de ser extraordinário para uma quase desconhecida, embora não saibamos o que significa exatamente “votação popular”.

Na mesma nota – e desmentindo afirmações posteriores, e impacientes, de Clarice de que nunca escrevera poemas³ – há uma notícia de que “Clarice Lispector, a romancista de **Perto do coração selvagem**, vai publicar um livro de poesias”.

Na coluna “Café Society” (Rio de Janeiro, **Diretrizes**), em 9 de março de 1946, o colunista Urbano⁴ comenta:

Depois do Carnaval do povo, continua o carnaval constante das elites: – a literária, a mundana, a financeira, a política. (...) Essa história de pão caro, de fome nos morros, de camponeses morrendo pelas estradas ermas, de operários com famílias ao desamparo, nada disso interessa às elites. Isto é, interessa para conversinhas inócuas, citando-se Keyserling, tal qual como o generalíssimo Franco. Os literatos neste Brasil querido gostam muito de explicar temperamento e não sei porque agora todo mundo das letras tomou atitudes de personagens de Clarice Lispector. São introspectivos e vagos.

³ À época Clarice escrevia mesmo poemas, como o prova o anúncio, mas desistiu ao que parece desencorajada por Manuel Bandeira. Nos dias de hoje, Lenilde de Freitas “desentranhou” poemas da prosa da escritora (cf. **O Estado de São Paulo** de 18/9 /83), assim como Nicolino Novello, in **O ato criador de Clarice Lispector**. Não nos podemos também esquecer dos poemas de Joana, menina.

⁴ Um traço manuscrito liga o nome Urbano a Di Cavalcanti, também manuscrito.

Será a partir mesmo desse ano de 46 que Clarice começa a aparecer muito na imprensa como referência, elogiada ou criticada, à semelhança do texto acima, precursor do tom das restrições à escritora, que não serão raras nos anos da ditadura militar.

Na *Careta* de 24 de agosto de 46, uma matéria anônima intitulada “Um Sorriso para Todos” afirma ser “peregrino o gênio luso-brasileiro, sujeito a oscilações e caprichos, conduzido ao sabor da corrente, fascinado pela diversidade das aparências, fluindo com as idéias e as formas que fluem...” Mais adiante, ratificando a observação de Di Cavalcanti quanto às citações de Keyserling, certamente porque morrera o filósofo naquele ano de 46, o texto continua: “aplica-se ao brasileiro a aguda observação de Keyserling (sic) a propósito do português: somos dos povos que mais facilmente se exprimem em línguas estrangeiras (...) Mas uns descem ao fundo da alma humana”. E cita tais escafandristas espirituais: “Machado de Assis, Graciliano Ramos, Cornélio Pena, Otávio de Faria, Lúcio Cardoso, Clarice Lispector”.

Mas Clarice inspira não apenas esses anônimos comentaristas do momento. Por exemplo, em primeiro de setembro de 46, Lúcia Miguel Pereira escreve no *Correio da Manhã*:

O neo-realismo de 30 foi muito infiltrado de romantismo, como de resto também aconteceu com o naturalismo no século passado. Hoje, esboça-se reação dos novos. Primeiro passo – O Amanuense Belmiro. Veio depois Clarice Lispector com os seus romances introvertidos, escritos entretanto numa linguagem plástica, tirando muito efeito das sonoridades verbais. E duas estréias recentes, Ruth Guimarães e Guimarães Rosa, ambas regionalistas, mostram como a narrativa vai se tornando cada vez mais artística.

Antonio Candido, em *O Jornal* de 15 de dezembro do mesmo ano é mais pessimista, embora salve nossa personagem:

Que coisa difícil! Apesar de toda a gente saber que o romance é o gênero do século, tendo absorvido e ultrapassado qualquer outro, ainda encontramos – no Brasil pelo menos – melhores poetas que romancistas. A última geração principalmente tem sido de uma insuficiência alarmante.

Cita em seguida os poetas João Cabral, Ledo Ivo, Domingos Carvalho da Silva, Bueno de Rivera. E conclui: “A exceção dentre os jovens ficcionistas é Clarice Lispector”.

Saltando alguns anos, em 24 de outubro de 1953, numa seção intitulada “Conversa Literária”, Paulo Mendes Campos anuncia a colaboração de Clarice Lispector na *Manchete*, ela que escrevia na *Comício* como Teresa Quadros.⁵

⁵ Como sabemos, em várias ocasiões a partir de 52, Clarice escreveu colunas femininas em jornais, sob pseudônimo: foi Teresa Quadros na *Comício*, Helen Palmer em *O Correio da Manhã*, de 59 a 61, talvez, como comissionária da Pond's, Ilka Soares em 60, no *Diário da Noite*.

No ano seguinte, a 30 de outubro, Fernando Sabino responde à afirmação, que também se tornara comum numa certa época, pelo menos no Rio, de que Clarice “escrevia de forma estranha” porque “não era brasileira”. “Clarice Lispector não é estrangeira: é uma das maiores romancistas da Literatura Brasileira.” (“Sala de Espera”)

Elsie Lessa, em trechinho sem data de **O Globo**, confessando-se febril, tenta ser espirituosa na velada crítica à escritora: “... vou tentar escrever um conto à la Clarice Lispector, que é o mais nobre uso que poderia querer fazer desta alta temperatura”.

Outro trechinho sem data afirma que “domingo à noite” Clarice Lispector assistia a **Morte e Vida Severina**, “acompanhando os aplausos delirantes da platéia inflamada ...”.⁶

Um outro ainda faz uma observação curiosa sobre o problema de assinar ou não matérias jornalísticas; esclarece que, no **Diário da Noite**, Clarice, como sabemos, assinava seus escritos como “Ilka Soares”, e que, na revista **Senhor**, suas iniciais C. L. eram interpretadas como sendo as de Carlos Lacerda, o que não deixa de apontar o círculo estreito dos leitores de Clarice, ainda àquela data.⁷

Em 1965, 10 de dezembro, Clarice vai a Maison de France assistir à “peça” **Perto do coração selvagem**, na verdade trechos de vários livros seus, com direção de Fauzi Arap, com Glauce Rocha, Dirce Migliaccio e José Wilker como intérpretes. Em 67 é a vez da dramatização de **A Paixão Segundo G. H.**, no teatro Gláucio Gil.

Em **O Globo**, com a data de 2 de janeiro de 69, Ibrahim Sued informa visivelmente irritado que tinha lido uma entrevista de Clarice Lispector com Teresa Sousa Campos⁸ e resolveu pôr pingos nos ii nestes “banqueiros intelectuais” e colocar em seu lugar “esses intelectuaizinhos pretensiosos”. Chama a atenção para “as perguntas frívolas da escritora e as respostas profundas de Teresa”. E conclui: “Irritei-me logo no princípio com a desconfiança da presumida literete”.

Se parece agressiva a crônica de Ibrahim – embora muito engraçada – não soam diferentes as palavras de Clarice na célebre entrevista, que assim começa:

Tive a curiosidade de entrevistar Tereza Souza Campos porque eu não simpatizava com ela. A “mulher mais elegante” não me interessa. Há problemas mais sérios do que a moda, individuais e não-individuais. (...) Queiram os céus que Tereza não seja apenas o primeiro figurino do país, senão terei que lhe explicar o que é uma “pessoa”. E que o Brasil precisa de muito, e não precisa nada de primeiro figurino.

Clarice insiste com a socialite sobre questões políticas e sociais, talvez para também responder às críticas, hoje cada vez mais deslocadas, de sua própria, assim

⁶ Entrevistando Paulo Autran em **De corpo inteiro**, afirma: “Muito já foi escrito sobre **Morte e Vida Severina**, desde o primeiro espetáculo levado pelo TUCA a que assisti com grande emoção”.

⁷ Clarice colaborou em **Senhor**, de 1959 a 1964.

⁸ Republicada posteriormente no livro **De corpo inteiro** (Arte Nova, 1975) ao lado de outras entrevistas feitas pela escritora.

interpretada, “alienação” e torna patente o pouco à vontade de sua entrevistada com tais assuntos. Mas a escritora, de certa forma se entrevista a si própria e se posiciona de uma vez por todas, quando afirma: “E o problema social me angustia: eu também sou isso”. A entrevista termina de modo incisivo:

O seu modo de vida não é culpa dela: ela faz parte de uma engrenagem não evoluída. Tenho certeza de que Tereza Souza Campos, em situação diferente, poderia ter grande valor. Ela é o que se chama “une femme d’esprit”.

Não revelaria o tom agressivo uma consciência amarga da distância entre a Clarice do mundo diplomático e a de então, lutando pela sobrevivência, obrigada a desempenhar papéis com os quais não se identificava?

Dentre todos os recortes, entretanto, existe um que me interessa de modo especial, porque se relaciona diretamente com um universo temático importante na obra de Clarice – o das empregadas domésticas. O recorte em questão pertence ao *Le Monde* de 14 de março de 1963 e está bastante sublinhado em todas as suas páginas. Intitula-se “Un ‘Proletariat’ en Tablier Blanc”, matéria assinada por Elvire de Brissac. A propósito do assunto, a repórter entrevista um médico, chefe dos hospitais de la Seine, que lhe relata várias impressões, queixas ou interpretações das domésticas sobre seu próprio estado: experimentam uma espécie de “indignidade” na profissão pela generalização das tarefas e a não especialização.

“Não é um *métier*, o meu” – afirma uma delas – “pois é uma espécie de estado completo, como, por exemplo, ser criança ou estar doente”.

Após passar em revista várias obras que usam domésticas como fonte de inspiração, mas “com intenções várias”, o médico enfileira três perigos que espreitam as serviçais: a loucura, o suicídio, a prostituição. Por outro lado, existem três aspectos principais inalienáveis dessa condição: ressentimento, humilhação e alienação. “O ressentimento” – observa o médico – “difuso, obscuro ou concreto e pessoal, atinge às vezes uma intensidade insustentável. Há poucos sentimentos tão violentos quanto esse ódio e ele é fundamental”.

A humilhação era um sentimento que estava no fundo de tudo e fazia parte também da migração interna e de seus enganos.

A alienação, por sua vez, situava-se no centro da condição de doméstica: esta morava com os outros, criava crianças que não eram suas, experimentava “uma mistura de sentimentos ativos e passivos de submissão e identificação em relação aos membros da família”. Às vezes eram as próprias patroas que criavam uma intimidade indevida, pelo próprio medo de perder a empregada. Mas o resultado era que ela, a empregada, permanecia profundamente isolada.

O médico conclui que não existe remédio para tal condição.

A matéria se refere, ao final, a Françoise da *Recherche*, doméstica consciente de seu lugar na sociedade. E cita suas palavras: “tant que le monde sera monde, il y aura des maîtres pour vous faire trotter et des domestiques pour faire leur caprices”.

Talvez seja por mero acaso (ou não?) que a partir de 64 comecem a aparecer domésticas e gente humilde de forma sistemática nos escritos da Clarice. Mas não desejo aqui discutir prioridade de datas, pois desde **Perto do coração selvagem** a personagem surge, desenhada com realismo.

Não demoramos a encontrá-la, ora soletando no bonde as palavras dos anúncios, numa evidência de seu semi-analfabetismo, embora já fosse uma mulher, ora resmungando da dificuldade de atravessar o areal para levar Joana à casa da tia, revoltada (“Que ódio, disse entre dentes a criada”); era preta ou mulata e acostumada ao trabalho, pois tinha coxas escuras e musculosas; a situação à parte na sociedade, pela desqualificação dos serviços, torna-se clara no livro através de referências rápidas, que passam quase despercebidas, mas que surpreendem a serviçal no lugar que lhe compete. Por exemplo, na sala, tendo entregue a menina à tia, “a empregada continuava sentada, observando os quadros, as pernas largadas, a boca aberta”.⁹

Nos livros que se seguem observamos os mesmos recursos no desenho da personagem. Em **A Paixão Segundo G. H.**, entretanto, ela se alça ao segundo papel principal, na figura de Janair, cujos traços e cor reaparecem na barata, formando a empregada e o inseto um mesmo desenho por superposição.¹⁰

Mas será em **A Legião Estrangeira**, livro também de 64, e em sua segunda parte, intitulada “Fundo de Gaveta”, que encontraremos os textos mais atentos em relação às empregadas e aos banidos da sociedade. É aí que se localizam duas peças extraordinárias: “Mineirinho” e “O Chá”. O primeiro constitui um de seus escritos prediletos, segundo depoimento da própria escritora.¹¹ Nele, diante da brutalidade do assassinio de Mineirinho, Clarice se distancia do pólo da lei, dos possuidores, dos que precisam de segurança e se desloca para o pólo dos despossuídos, dos abandonados que, num primeiro momento, é personificado na empregada doméstica. Interrogada sobre a morte do marginal,

*A cozinheira se fechou um pouco, vindo-me talvez como a justiça que se vingava. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: “O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu”. Respondi-lhe que “mais do que muita gente que não matou”.*¹²

O cenário de “O Chá” é a rua do Lavradio, zona portuária do Rio, por onde também andarão no futuro Macabéa. A narradora imagina que oferece um chá a to-

⁹ As referências são do capítulo ... *A Tia* ...

¹⁰ Cf. a bela análise de Solange Ribeiro de Oliveira, **A Barata e a Crisálida**.

¹¹ Na célebre última entrevista de Clarice, dada à TV Cultura em janeiro de 1977, à pergunta de Júlio Lerner sobre o trabalho que via “com maior carinho até hoje”, responde: “O Ovo e a Galinha”, que é um mistério para mim. Uma coisa que eu escrevi sobre um bandido, sobre um criminoso chamado Mineirinho que morreu com treze balas quando uma só bastava. E que era devoto de S. Jorge e que tinha uma namorada. Que me deu uma revolta enorme...”

¹² **A Legião Estrangeira**, p. 253. Desenvolvo o assunto em livro em preparação sobre Clarice. In: **Clarice Lispector a Paixão Segundo C. L.**, Berta Waldman analisa o conto, enfatizando outras relações estabelecidas pelo texto.

das a empregadas que tivera. “As que esqueci marcariam a ausência com uma cadeira vazia, assim como estão dentro de mim”.

Misturando o cenário desguarnecido da pobreza com o de um certo teatro do absurdo, Clarice corre a cortina e nos descobre a grande mesa, com algumas cadeiras vazias e outras ocupadas por figuras mudas, de mãos cruzadas no colo. “Mudas – até o momento em que cada uma abrisse a boca e, rediviva, morta-viva, recitasse o que eu me lembro”.

“O que eu me lembro” resumia-se às vezes numa frase banal, sublinhando a distância entre patroa e empregada, só aparentemente habitando por um certo momento o mesmo espaço. A narradora é consciente dessa aberração e, por conta da situação ingrata, começa “misturando carinho, gratidão, raiva”. — Gosto de filme de caçada. (e foi tudo o que me ficou de uma pessoa inteira)”.

A ironia procura temperar o tom dramático, que poderia escorregar com facilidade para a sentimentalidade, que também ronda “Mineirinho” e da qual se defende de outra maneira: “Quase um chá de senhoras, só que nesse não se falaria de criadas”.

As frases recitadas misturam ingenuidade, revolta, graça, um pouco de loucura, sabedoria popular em *stacatto*, formando depois uma massa corrida no discurso em primeira pessoa, que fecha o episódio.

Exemplo de uma das falas, em que a narradora se expõe ao olhar crítico e inteligente com o qual, percebemos, se solidariza:

— Lá vem a lordeza – levanta-se a mais antiga de todas, aquela que só conseguia dar ternura amarga e nos ensinou tão cedo a perdoar crueldade de amor. — A lordeza dormiu bem? A lordeza é de luxo. É cheia de vontades, ela quer isso, ela não quer aquilo. A lordeza é branca.

A cena escurece lentamente talvez à reaproximação das “duas asas de morcego”, misteriosas, que abrem o episódio e que devem encerrá-lo.¹³

É hora de partir.

¹³ As “asas de morcego”, desdobradas, “como o que vem de longe e vai chegando muito perto” diz respeito, sem dúvida, à meia-substância subjetiva – para o outro – e social da empregada doméstica. Assim, elas ou estão completamente mortas na lembrança, marcadas pela cadeira vazia, ou “mortas-vivas”, ocupando pouco lugar na subjetividade da narradora. O fato de as asas “brilharem” afasta o caráter por ventura vampiresco presente na imagem do morcego, o que desvirtuaria a intencionalidade da figuração. (O assunto é insistente na obra de Clarice e foi comentado por seus leitores. Por exemplo, Paulo Mendes Campos in *O Cego de Ipanema*, na crônica intitulada “Minhas empregadas”)

ABSTRACT

The essay tries to make relations among newspapers collected by Clarice Lispector and kept by Casa de Rui Barbosa, in Rio de Janeiro.

Referências bibliográficas

01. CALDAS, Waldenyr. *A literatura da cultura de massa*. São Paulo: Lua Nova, 1987.
02. CAMPOS, Paulo Mendes. *O cego de Ipanema*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.
03. GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
04. LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.
05. LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.
06. LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.
07. LISPECTOR, Clarice. *De corpo inteiro*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.
08. NOVELLO, Nicolino. *O ato criador de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: I.N.L./Pro-Memória, 1987.
09. OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. *A barata e a crisálida*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1985.
10. WALDMAN, Berta. *Clarice Lispector a paixão segundo C. L.* São Paulo: Escuta, 1993.